

Bnei Anussim Cohen (DNA)? Relato sobre uma ancestralidade judaica.

Augusto Charan Alves Barbosa Gonçalves

Primeiras palavras...

Gostaria de agradecer ao Rabino Ventura pela ideia que me impulsionou a escrever esse artigo e, sobretudo, por ajudar a revolucionar o mundo ao revelar histórias que ainda não se encontram em livros. Registro aqui meu muito obrigado à Comunidade Judaica localizada em Taguatinga/DF chamada Keter Torah/Sinagoga Sem Fronteiras, na figura do nosso querido Moré Yehudah, Efraim e demais pessoas que me acolheram calorosamente.

É sempre difícil começar um texto regado a muito afeto, pai de todas as realizações humanas. Tentarei sintetizar a minha ligação com o judaísmo trazendo elementos culturais, fotos e exames de DNA que atestam o que sempre soube: a existência de minha herança judaica sefardita.

Meus pais sempre fizeram questão de colocar a Mezuzah nas portas de todas as casas em que moramos (até hoje) e incontáveis vezes minha mãe acendeu a vela de Shabat e seguimos em família os preceitos da Torah à risca. Houve até uma tentativa de retorno ao judaísmo no passado (no início da década de 1990) mas meu pai e minha mãe avaliaram na época que algumas sinagogas em Brasília naquele momento não lhes agradavam. Eu ainda era criança quando isso ocorreu, mas mesmo assim, a experiência em uma sinagoga me marcou tanto que cito isto nas últimas páginas de minha Tese de Doutorado em Educação defendida na Universidade de Brasília (UnB) em 2017.

Prontos para começar a história??

O “chamado”...

No ano passado (2020), aproximadamente em janeiro, tive uma ideia! De forma repentina (“do nada”), eu pedi para o meu pai o contato do meu primo Adalberto Gonçalves Araújo Júnior. Apesar de saber-se judeu pela linhagem materna, que é a mesma de meu pai, e paterna (vinda dos Bnei Anussim da família Araújo), ele optou em ser Padre e não Rabino, algo que respeito profundamente. Diga-se de passagem, Adalberto fez mestrado e doutorado com a professora Anita Novinsky, de quem se tornou aluno e fiel amigo. Vale a pena ler a Tese de Doutorado dele sobre a prática judaizante de um Padre no Brasil. Meu primo, inclusive, tem artigo publicado em ladino na revista Aki Yerushalayim – isto na década de 1990. Adalberto, no intuito de honrar os nossos ancestrais e por influência de familiares, escreveu em hebraico na lateral de sua capela de oração, localizada em Rubiataba (GO). As fotos da capela eu guardo em meu arquivo pessoal da família e evito divulgação desse material...

O lado materno de meu pai...

A pedido meu, ele, Adalberto, enviou alguns documentos importantes sobre o lado materno do meu pai e me interessei em saber mais sobre esses parentes que vieram da Itália para Minas Gerais, especificamente Ouro Preto e Mariana. Os costumes judaicos herdados pelo lado materno de meu pai são oriundos de Rosa Lombardi e Pompeo Trivelli. A minha trisavó, Maria Grazia Trivelli, filha de Rosa Lombardi, era chamada por seus pais e pela comunidade de Sabatina (em homenagem ao Shabat)¹. À época esse apelido era dado a mulheres judias. Veja a foto da certidão de nascimento dela.

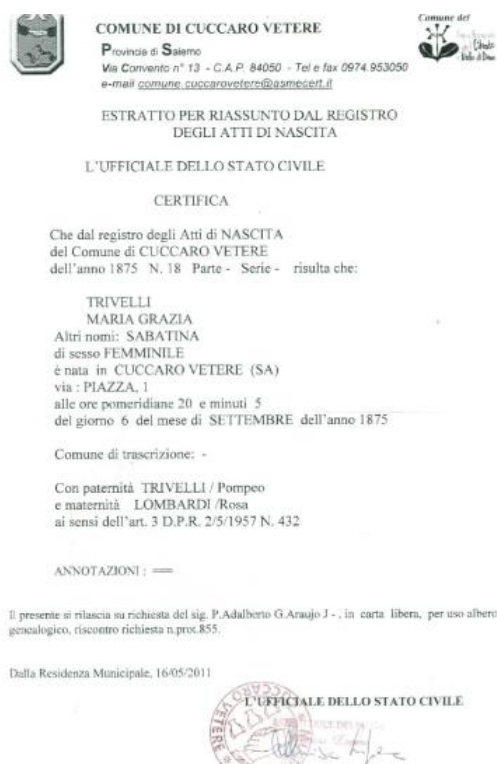


Foto: Certidão de Nascimento de Sabatina Trivelli.

Nesse processo de busca, descobrimos que um ancestral nosso veio a falecer em Buchenwald (Campo de Concentração Nazista). De nome Giuseppe Trivelli, foi preso em Palombara Sabina (Roma). Após o Yad Vashem me solicitar uma série de documentos que atestassem parentesco (sentença de cidadania italiana, fotos, certidões de nascimento de parentes italianos), eles enviaram mais documentos para meu e-mail. Coloco foto desse momento para sempre memorável. Sobre a suástica nazista que foi gravada no pé de meu pai (de maneira misteriosa) quando ele tinha treze anos e que lhe ocasionou sérios problemas eu deixo para contar em outra ocasião...

¹Disponível em: <https://www.name-doctor.com/name-sabatina-meaning-of-sabatina-31337.html#:~:text=MEANING%3A,meaning%20%E2%80%9C%20Saturday%20%20strike%E2%80%9D>. Acesso em: 19/01/2021.

Para: Charan Augusto <augustocharan.unb@gmail.com>
 Data: 23 de nov de 2020 09:03
 Criptografia padrão (TLS).
[Ver detalhes de segurança](#)



Jerusalem

In future correspondence, please use reference number CAS-313617

Dear Augusto,

Thank you for your request.

Please find attached Documents found in the Arolsen Archives, International Center on Nazi Persecution (formerly the International Tracing Service, ITS) Database at Yad Vashem:

GIUSEPPE TRIVELLI
 DACHAU PRISONER NUMBER
 54970, BUCHENWALD PN. 34860

Foto: e-mail recebido de Yad Vashem.



JewishGen

מרכז עולמי לגנאלוגיה יהודית

The Global Home for Jewish Genealogy

Logged in: Augusto Charan Gonçalves
[My Profile](#) | [Logout](#)

powered by  ancestry.com

ABOUT US
GET STARTED
DATABASES
RESEARCH
DONATE

[Home](#) » [Databases](#) » Dachau Concentration Camp Records

Dachau Concentration Camp Records

Searching for Surname (phonetically like) : TRIVELLI 2 matching records found. Run on Wed, 20 Jan 2021 12:38:15 -0700					
Page	Name Title	Date of Birth Town of Birth	Town of Residence Street and #	Prisoner # Category	Arrived Disposition
6107/Sey.	TREWELLA, Johann	05 Apr 1910 Grünau	Lend bei Salzburg	10485 Sch. DR.	zug. 11 May 1940 entl. 16 Sep 1944
6111/Bg.	TRIVELLI, Guiseppe	17 Dec 1920 Palombora Sabina	Palombora Sabina	54 970 Sch. Itl.	zug. 22 Sep 1943 üb. 31 Oct 1943 Bu.

Foto: Giuseppe Trivelli citado entre os judeus que morreram no Holocausto.

Alguns Trivelli de minha família ficaram na Itália e grande parte imigrou para os Estados Unidos e América Latina. Há indícios fortes de que o Conde Enrico Trivelli, morto em praça pública em Roma a mando do Papa Clemente XII, filho de Leonilda

Leone e Giuseppe Trivelli — seja nosso parente direto também. Estamos pesquisando isso a fundo no momento e tendo várias pistas! Afinal, o nome do pai de Enrico Trivelli é o mesmíssimo nome de nosso ancestral morto no Holocausto. A família Trivelli é um ramo único e é uma família de italianos que possuem costumes judaicos e que se casam há séculos com mulheres judias (especialmente as Leone e as Lombardi, dentre outras famílias). Minha bisavó Aniella Rosa Di Spirito dizia ao meu pai que a família de sua avó (Rosa Lombardi) e de seu avô era oriunda de Nápoles, Itália.

Abaixo coloco a foto do casal (Rosa Lombardi e Pompeo Trivelli) e de toda a genealogia da parte materna de meu pai e, inclusive, uma foto do Tio Avô de João Gonçalves Pacheco (pai de minha avó paterna), chamado Olímpio Gonçalves da Costa. Este também praticava costumes judaicos. Anexo foto de Antônio Gonçalves da Silva (avô paterno de minha avó paterna) e Anna Rosa Pacheco, sua esposa (todos oriundos de Minas Gerais). Provável descendente de judeus pelos costumes realizados, Antônio Gonçalves da Silva foi o último intendente (título pelo qual eram chamados os prefeitos no Império e na Primeira República) do Império e o primeiro da República. Ele foi eleito duas vezes sucessivamente em Catalão, Goiás. Curiosamente, na árvore genealógica de meu pai, percebe-se sobrenomes presentes em Bnei Anussim e, inclusive, um sobrenome “da Cota”. Sobrenome que pode estar associado a cripto-judeus oriundos de Toledo, Espanha.

Sobre a família Di Spirito do lado paterno de minha bisavó paterna, a Rabina italiana Barbara Aiello (do movimento judaico liberal), estudiosa da genealogia judaica na Itália, me garantiu por e-mail que o sobrenome Di Spirito — que consta na árvore genealógica de meu pai — é de origem judaica.



Foto: Rosa Lombardi e Pompeo Trivelli, pais de Sabatina Trivelli.



Foto: Genealogia histórica do lado materno de meu pai.



Foto: Olímpio Gonçalves da Costa.



Foto: Aniella Rosa Di Spirito (avó materna de meu pai).



Foto: Antônio Gonçalves da Silva e Anna Rosa Pacheco, ambos mantinham costumes judaicos.

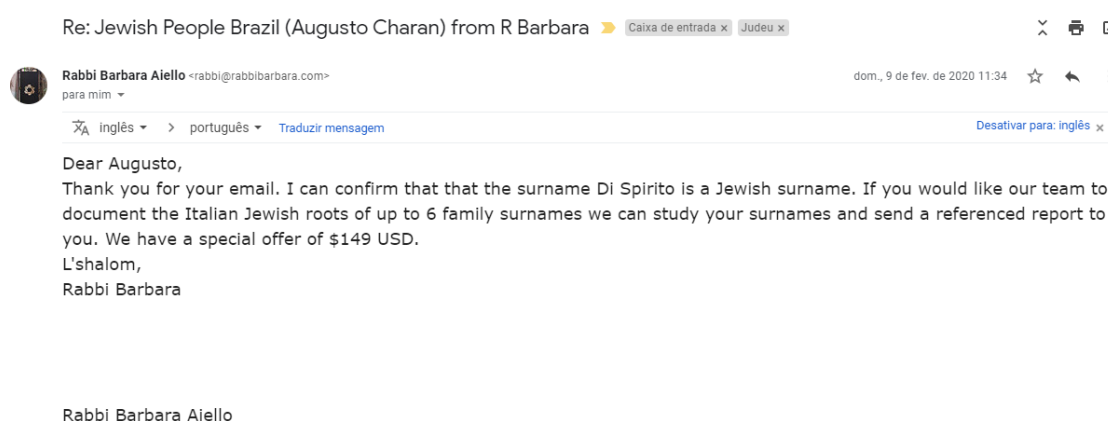


Foto: e-mail da Rabina Aiello alegando que Di Spirito é um sobrenome judaico italiano.

O meu lado paterno...

Agora, o lado paterno de meu pai, segundo palavras do próprio avô dele (Germano Barbosa Teixeira), vem de Trás-os-Montes, Portugal. Descendente de judeus forçados que vieram de Portugal para a Bahia, residia em Jequié (BA). Germano Barbosa Teixeira teve alguns filhos, dentre eles, meu querido e amado avô, José Barbosa Teixeira. Nascido em Januária (MG), foi para Rialma (GO) ainda na década de 1950. Lá, gerou meu pai, seu primogênito, Djalma Barbosa Gonçalves.

O DNA...

Antes de falar sobre meu exame de DNA, e mesmo não sendo um especialista na área, cabe fazer um esclarecimento. Existem dois tipos de exames de ancestralidade: um chamado autossômico e outro que detecta o cromossomo (Y) e o DNA mitocondrial (mt-DNA). O exame de DNA autossômico detecta as porcentagens étnicas que compõem o DNA de um indivíduo (60% europeu, 40% judeu sefardita, etc.) até a quinta geração passada. Eu e meus pais fizemos o exame de DNA autossômico e foi acusado em nós a origem sefardita autossômica. Foi por meio desse exame que descobri ser primo direto (via DNA) de dois rabinos sefarditas (e que sou primo da esposa de um deles). Um rabino mora no Brasil e outro nos Estados Unidos. Por razões éticas, não irei divulgar os nomes...

Já o outro tipo de exame genético detecta a linhagem paterna (Y-DNA) e isto revela o nosso ancestral homem mais antigo (o pai do pai do pai do pai, etc.) e o mt-DNA (DNA mitocondrial) que, passado apenas por via da linhagem materna (por uma linha ininterrupta que contabiliza milênios!), revela a origem de nossa “primeira mãe”.

O impressionante é que no exame de DNA, detectou-se que meu cromossomo Y é caracterizado pelo haplogrupo² R1b-P25 ou R1b1-P25 ou simplesmente R-P25. O haplogrupo R1b se originou provavelmente em algum país do Oriente Médio, como fica atestado em fontes diversas, dentre elas, as seguintes: *International Society of Genetic Genealogy - ISOGG* e no site especializado em genealogia genética chamado “Eupedia”³. Do sudoeste asiático (que engloba todos os países do Oriente Médio), o R1b se espalhou para outras regiões do Planeta. É importante ressaltar que o R1b é encontrado em considerável proporção em diversas populações semíticas, incluindo judeus curdos (ver quadro)⁴. Apesar de existirem vários haplogrupos (Y-DNA) encontrados em judeus (J, E, entre outros), há haplogrupos idênticos encontrados em judeus e não judeus, por exemplo.

Contudo, o R-P25 é um haplogrupo presente em mais de uma linhagem de judeus cohanim (ainda que existam outros haplogrupos de cohanim também, ver quadro – cohanim em outros haplogrupos)⁵. Em um artigo intitulado “*Reconstruction of patrilineages and matrilineages of Samaritans and other Israeli populations from Y-Chromosome and mitochondrial DNA sequence Variation*”, Shen e demais autores (2004) constataram que 77% dos israelenses daquele período (2004) possuíam o

²Disponível em: <https://www.igene.com/pt/haplogrupo>. Acesso em: 20/01/2021.

³Disponível em: https://www.eupedia.com/europe/Haplogroup_R1b_Y-DNA.shtml. Acesso em: 20/01/2021.

⁴ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Y-DNA_haplogroups_in_populations_of_the_Near_East. Acesso em: 20/01/2021.

⁵ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Y-chromosomal_Aaron. Acesso em: 20/01/2021.

haplogrupo paterno R1b, característica de judeus sefarditas provenientes da península ibérica, asseveram os autores.

R1b foi encontrado em um cananeu em Tel Shahud/Israel que viveu há 3.300 anos⁶. Alguns estudiosos declaram que a linhagem de cohanim passou a ser transmitida justamente nessa mesma época (3.300 anos atrás).⁷ O mais empolgante é que o haplogrupo R1b-P25 (ou R-P25) foi encontrado em judeus de Bragança (região de Trás-Os-Montes!)⁸ e em diversos outros judeus pelo mundo: na Alemanha, na Polônia, como fica atestado no grupo (dêem uma googlada, rs) do Family Tree intitulado “Jewish R1b” – ver DNA results e depois vá em Classic Chart. Isso reforça o que alguns pesquisadores alegam e eu concordo, a saber: Nem todo judeu asquenazita é oriundo de cazares que foram convertidos. Podemos dizer que muitos possuem haplogrupos típicos de judeus sefarditas. Isto já não é mais opinião. É um fato científico e notório. Alguns judeus asquenazitas de Amsterdam possuem Y-DNA R1b-P25, por exemplo⁹.

Aqui anexo o meu certificado (Y-DNA) expedido pelo Family Tree DNA e a foto de meu bisavô Germano Barbosa Teixeira (em Jequié, Bahia).



Foto: Certificado do meu exame (Y-DNA).

⁶ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_DNA-tested_mummies. Acesso em: 20/01/2021.

⁷ Disponível em: <https://www.aish.com/ci/sam/48936742.html>. Acesso em: 20/01/2021.

⁸ Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fgene.2015.00012/full>. Acesso em: 20/01/2021.

⁹ Disponível em: <https://www.jogg.info/pages/11/coffman.htm>. Acesso em: 20/01/2021.



Foto: Germano Barbosa Teixeira (de abençoada memória).

Possuir essa linhagem de cohanim só confirma os costumes judaicos que meu bisavô herdou e que foram passados de geração em geração, inclusive, ele dizia: “Um homem sempre deve andar com algo sobre a cabeça para sempre se lembrar que o D’us de Israel reina sobre todas as coisas”. Esse costume ficou tão enraizado na família que o meu pai até hoje nunca anda sem chapéu ou algo sobre a sua cabeça. E aliás, quando cochila, às vezes dorme de chapéu...

O surgimento de linhagem biológica comprovada de cohanim nos dias de hoje parece ser algo realmente profético! Os estudos sobre a genealogia genética judaica são historicamente recentes. Por isso mesmo, muitos Bnei Anussim, ao fazerem exames genéticos em futuro próximo, poderão evidenciar que não apenas são descendentes dos levitas ou cohanim pelo ponto de vista histórico e documental. Mas, também, poderão comprovar biologicamente o que já foi provado pela genealogia histórica! E isso é algo fascinante, é quando a ciência se encontra com a religião, é quando as pesquisas se encontram com as Sagradas Escrituras. Sobre o assunto, podemos ler o seguinte em Isaías 66: 18 - 22, conforme o Rabino Ventura me esclareceu em uma conversa por vídeo:

Eu virei, a fim de reunir todos os povos e línguas; elas virão e verão a minha glória. Porei um sinal no meio deles e enviarei sobreviventes dentre eles às nações [...] às ilhas distantes que nunca ouviram falar a meu respeito, nem viram a minha glória. Estes proclamarão a minha glória entre as nações [...] dentre estes tomarei alguns para sacerdotes e levitas, diz Iahweh. Sim, da mesma maneira que os novos céus e a nova terra que eu estou para criar subsistirão na minha presença – oráculo de Iahweh – assim subsistirá a vossa descendência e o vosso nome (BÍBLIA DE JERUSALÉM).

Ainda sobre a mesma temática, em conversa com o Rabino Ventura, este me informou que há um salmo que diz:

O seu fundamento está nos montes santos. O Senhor ama as portas de Sião, mais do que todas as habitações de Jacó. Coisas gloriosas se dizem

de ti, ó cidade de Deus (Selá). Farei menção de Raabe e de Babilônia àqueles que me conhecem; eis que da Filístia, e de Tiro, e da Etiópia, se dirá: Este homem nasceu ali. E de Sião se dirá: Este e aquele homem nasceram ali; e o mesmo Altíssimo a estabelecerá. O Senhor contará na descrição dos povos que este homem nasceu ali (Selá). Assim os cantores como os tocadores de instrumentos estarão lá; todas as minhas fontes estão em ti (SALMOS 87: 1-7).

Rashi diz, conforme as palavras do Rabino Ventura, que o salmo acima trata do “final dos dias”, quando chegar a hora do Eterno “acertar as contas” com Israel e com as nações. É importante explicar que nos dois versículos que se seguem, o texto faz referência à duas contagens que serão feitas (1. Das nações; 2. De Israel): “Farei menção de Raabe e de Babilônia àqueles que me conhecem; eis que da Filístia, e de Tiro, e da Etiópia, se dirá: Este homem nasceu ali. E de Sião se dirá: Este e aquele homem nasceram ali; e o mesmo Altíssimo a estabelecerá”. Aqui, porém, surge uma situação diferente na qual ao contar as nações, o Eterno identifica indivíduos que nasceram “ali”. **O senhor contará na descrição dos povos que este homem nasceu ali (Selá)...**

De acordo com o Rabino Ventura, Rashi explica que o termo “ali” se refere à Israel e diz que estes indivíduos se tratarão dos descendentes dos judeus forçados e etc., que se assimilaram às nações e que então retornarão. Na sequência, Rashi identifica esta passagem com Isaías 66 (escrito aqui anteriormente) que fala sobre os membros das nações que após o “acerto de contas”, serão escolhidos pelo Eterno como Leviim e Cohanim. Isto explicaria como um goy poderia ser tomado como Levy ou Cohen.

De acordo com Rashi — garante o Rabino —, trata-se aqui dos Bnei Anussim da tribo de Levy e da descendência de Cohen. No final, arremata o Rabino, Rashi diz que esses “judeus ocultos” estariam citados no versículo seguinte de Deuteronômio: “O que é oculto pertence ao Senhor nosso Deus, porém as [coisas] reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta Lei” (DEUTERONÔMIO, 29:29).

Nada é por acaso...

O meu lado materno...

Se o cromossomo Y é passado apenas de pai para filho, o DNA mitocondrial (mt-DNA) é passado apenas da mãe para filhos (a mãe da mãe da mãe e aí vai...), como foi falado anteriormente. No exame, foi acusado que o meu mt-DNA é o X3a. Esse haplogrupo materno é encontrado na Espanha, no Norte da África, e em drusos, Israel¹⁰. Pode-se afirmar que esse haplogrupo materno surgiu no Oriente Médio¹¹ e se difundiu em regiões estritas do Planeta (é um haplogrupo raro em algumas regiões). Defende-se

¹⁰ Disponível em: https://www.eupedia.com/europe/Haplogroup_X_mtDNA.shtml. Acesso em: 20/01/2021.

¹¹ Disponível em: https://www.eupedia.com/europe/Haplogroup_X_mtDNA.shtml. Acesso em: 20/01/2021.

que o haplogrupo materno X seria um “refúgio ou santuário genético conservado”¹², um haplogrupo característico de mulheres do Oriente Médio que se preservou bastante na região do que hoje é Israel, sobretudo, entre os drusos, como já foi dito¹³. É importante dizer que pesquisas científicas comprovaram que os judeus, do ponto de vista genético, se assemelham muito aos drusos e cipriotas (veja matéria imperdível)¹⁴.

Grande parte do mt-DNA X também se faz presente em judeus ibéricos e do norte da África¹⁵ – com pouquíssima presença em asquenazitas (ver figura 1)¹⁶. A minha avó materna, que me transmitiu essa herança biológica milenar, se chamava Maria Alves Dias Pereira (conhecida como Dona Cota), filha de Maria Michaela (variante do nome hebraico Mikhael) Alves Dias e Moisés Alves Pereira, cristãos novos que residiam em Minas Gerais e que foram para o interior de Goiás na década de 1930. Herdei pelo lado materno, o famoso diastema, ou melhor, os dentes separados da frente. Alguns dizem que isso é uma característica passada de mulheres judias para seus filhos. Disso eu não tenho certeza. Mas, lembro-me que o judeu Noam Chomsky tem essa característica “dentária”...

Sobre o marido de minha avó materna, chamado Sebastião Malaquias de Brito (sua mãe se chamava Augusta Barros de Andrade), apenas sabemos que o pai de Sebastião se chamava Possidônio Lourenço de Andrade e que era português e professor. Sabemos que ele tinha um livro (escrito de “trás para a frente” – seria em hebraico?) e que todos diziam na redondeza que ele era mago e que esse livro seria de São Cipriano. É tudo o que sabemos sobre ele. Talvez fosse Bnei Anussim. Mas, talvez não...

Os costumes, tantos os que foram transmitidos por minha avó materna (herdados de sua mãe Michaela e assim em diante) e avós paternos são praticamente os mesmos: diferenciação, na cozinha, entre panelas para leite e carne, modo de preparar aves retirando-lhes o sangue e jogando-o na terra, a prática de desaconselhar casamentos com pessoas de fora da mesma família, a orientação para não apontar o dedo para as estrelas para evitar supostas verrugas nos dedos, a colocação de pedras em túmulos de parentes falecidos...

Algo muito engraçado e que me marcou bastante é que volta e meia a minha avó materna fazia a seguinte exclamação para os familiares (em tom cômico): “hoje é sábado, é dia de tomar um bom banho e se arrumar” e “hoje é sábado, é dia de se arrumar e ficar mais bonito para D’us”. Na casa de minha avó era costumeiro os filhos pedirem a benção aos pais, ainda hoje, ao falar com minhas tias e tios do lado materno, peço a benção (por hábito). Minha bisavó materna também transmitiu o costume para suas filhas de varrer a casa da porta para dentro. Até hoje minha mãe e minhas tias varrem a casa assim. Algo que a família de minha mãe também herdou de minha bisavó e assim sucessivamente é dizer que quem entra na mesma porta deve sair pela mesma porta para atrair sorte.

¹² Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-genes-druze/gene-trawl-shows-druze-are-living-gene-sanctuary-idUSN0741872220080507>. Acesso em: 20/01/2021.

¹³ Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0002105>. Acesso em: 20/01/2021.

¹⁴ Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/pesquisa/estudo-ha-proximidade-genetica-entre-judeus-pelo-mundo,c8d8a38790aea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 20/01/2021.

¹⁵ Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2323359/>. Acesso em: 20/01/2021.

¹⁶ Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/1471-2164-9-198>. Acesso em: 20/01/2021.

Era comum também a minha avó dizer Hayim Tovim (ela dizia Rái Tóv - em português: D'us te crie!) quando eu espirrava ou alguma outra pessoa fazia isso perto dela. Ainda hoje minha mãe exclama essa mesma expressão quando alguém espirra ao lado dela (Rái Tov!). Coloco a foto de minha avó materna abaixo e o certificado do haplogrupo X3a expedido pelo Family Tree DNA.



Foto: Maria Alves Dias Pereira (de abençoada memória).

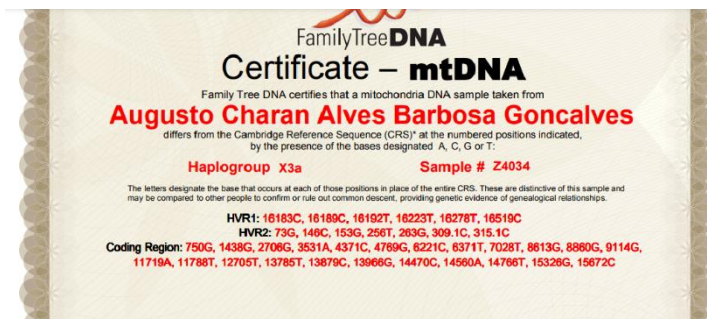


Foto: Certificado do Family Tree (mt-DNA).

Palavras finais...

Sabendo-se que a genética é algo complexo, resta explicar que um indivíduo “judeu de berço” pode ter 30% de carga genética sefardita em seu DNA autossômico mas possuir haplogrupos paterno e materno que não se originaram no Oriente Médio ou que não estejam presentes em populações judaicas (já constatei vários casos assim). Por outro lado, um judeu pode ter 0% de carga genética judaica asquenazita ou sefardita, mas, possuir haplogrupos paterno e materno típicos de judeus. Portanto, se o seu exame nada acusar no DNA autossômico, não fique desapontada ou desapontado. A razão é histórica, especialmente entre nós, judeus sefarditas. Houve muita diluição por ter havido casamento com não judeus, o que, do ponto de vista estritamente científico, foi algo benéfico para a saúde. Afinal, como diz meu pai, que é antropólogo das religiões: “O que não se mistura se degenera”. Casamentos endogâmicos em demasia pode ocasionar

problemas genéticos, demonstra a biologia. E, judaísmo é uma religião que aceita convertidos. **Não é uma religião genética...**

Os estudos genéticos ajudam-nos a encontrar outros parentes pelo mundo afora, auxilia-nos a revelar a nossa ancestralidade mais profunda e as nossas origens étnicas e principalmente: promove a confirmação biológica do que já sabíamos por cultura, costumes, documentos, nomes, etc. Quiçá esse escrito possa impulsionar mais Bnei Anussim a pesquisar esse assunto tão incrível! Muito ainda precisa ser investigado. Na ciência, não existe verdade absoluta...

A genética não deve jamais servir para atestar quem é ou não é judeu. Pois assim poderíamos incorrer em uma perspectiva eugenista que historicamente causou muito mal para a humanidade e para o nosso próprio povo que, encarnado em cada Bnei Anussim, se destacou e perseverou na história por sua ética, por seu sentimento de justiça social, por seu amor ao conhecimento, por seu respeito e amorosidade em relação ao Outro, princípios estes ao qual fui educado, em uma espécie de “pedagogia judaica” que forjou a minha identidade, a minha personalidade, o meu psiquismo. A educação judaica transcende milênios, transcende gerações e se cristaliza em nossa forma de ser, agir e pensar no e com o mundo.

Quando criança e até o início de minha vida adulta, eu fui chamado não pelo meu nome. Mas, pelo meu apelido: judeu. — Judeuuuuu, você por aqui! —, até hoje me gritam assim - quando amigos antigos me veem na rua (isso só não deu certo uma vez quando por conta dessa saudação, tive que fugir de “carecas” em Taguatinga/DF, que sufoco!). Aliás, meu sobrenome Charan (pronuncia Harân, com som de “rr”) que foi dado a mim pelos meus pais em meu nascimento, é uma homenagem ao irmão de Abraão e pai de Sara, sua esposa.

Em suma, saber-se judeu, ainda que não religioso ou em processo de retorno, é tornar-se, dentre muitas outras coisas, responsável pelas consequências dos atos praticados e ter a consciência de que a vida nos impulsiona a um constante exercício de aperfeiçoamento e de alteridade, de amor a D’us, a si e ao Outro.



Foto: meus pais no ano de 2001 (única foto que tenho de meu pai em que ele se encontra sem chapéu, rs). Reparem nos símbolos de nosso povo ao fundo.



Foto: momento da apresentação de minha Tese de Doutorado (2017-UnB).

Augusto Charan Alves Barbosa Gonçalves é membro do Movimento Sinagoga Sem Fronteiras, é Doutor em Educação pela Universidade de Brasília e professor no Centro Universitário Estácio de Brasília.